

CARTAS AO EDITOR

Do Ensino da Especialidade

Li, com real satisfação o Editorial da lavra do Dr. José Paulo Drummond e divulgado pelo N.º 2 (Março-Abril) do corrente ano, de nossa Revista.

Assim, valho-me do ensejo para cumprimentar o conceituado autor do referido Editorial mas, principalmente para congratular-me com todos os responsáveis pelo Ensino da Anestesiologia neste País, em razão dos lúcidos e sensatos conceitos ali divulgados e, em última instância, parabenizar os anesthesiologistas principiantes, os médicos residentes dos serviços de Anestesiologia e todos os demais que se interessem pelo progresso do ensino da Anestesiologia.

Concordo inteiramente com todos os conceitos naquele Editorial emitidos e, "data venia", atrevo-me a propor um enfoque adicional ao caso em pauta.

Desejo relembrar que em didática também deve ser levado em conta o fato de que a "Ontogenia recorda a Filosofia", no campo do ensino prático, quero esclarecer.

É evidente que no campo do ensino teórico devem ser apresentadas ao discípulo as mais modernas e exatas doutrinas doutrinas e interpretações dos fatos biomédicos.

Como a Anestesiologia não é uma abstração hermética, resulta que, dos conhecimentos teóricos devem fluir silogismos que frutifiquem e sob a forma de orientações realmente pragmáticas.

1292
AP 1766

Assim chegamos ao ensino da prática, do exercício da Anestesiologia em todos os seus capítulos. E justamente neste ponto é que temos, desde muitos anos, observado a possibilidade de ocorrência de um equívoco didático, que geralmente é provocado, desencadeado pelo discípulo — em sua ânsia de rapidamente galgar o cume da especialidade que escolheu — e que, menos freqüentemente é cometido pelo preceptor, professor, orientador em suma, pelo responsável pelo ensino em seu desejo de fornecer ao aluno os conhecimentos correlacionados às últimas novidades e descobertas científicas, ao “dernier cri”, ao último úivo da moda, quase sempre ainda não submetidos ao crivo do tempo de experimentação clínica em centros de prudência acima de qualquer suspeita.

Quando estivemos na Inglaterra em 1959 que vimos? Anestesiologistas veteranos demonstrando aos principiantes a narcose pelo éter etílico em máscara aberta, a analgesia pelo N²O-O² durante curativos dolorosos, infiltrações loco-regionais (seleção de soluções) para excisão de pequenos quistos sebáceos, etc. E fui informado pelo Prof. Mac Intosh de que as técnicas mais sofisticadas (p. Ex. associação de éter ou halotano) só eram transmitidas aos alunos de forma metodicamente progressiva e, “slow but sure”, a didática da prática diária “ontogenicamente” relembrando a “filogenia” da própria Anestesiologia.

Sendo Darwinista convicto sempre adotamos esta conduta, da qual jamais tivemos motivos de arrependimentos, muito pelo contrário.

DR. FLAVIO KROEFF PIRES, E.A.
Porto Alegre — RGS